



O JOVEM E O SERVIÇO MILITAR: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓ- GICA

Antonio Fernando Gomes da Costa

Neste artigo, o autor traça o perfil psicológico dos conscritos para o Serviço Militar, identifica seus problemas de ajustamento etário e aponta cuidados necessários ao processo educacional a que serão submetidos durante a conscrição.

"Aquilo que se faz por amor sempre se faz além dos limites do bem e do mal."

NIETZSCH

S.L. completou dezoito anos em março do corrente ano. No trato com os pais, mestres e colegas é apontado como excessivamente crítico, inconformado e rebelde. Surpreende ao não ter mais o hábito da busca de soluções dos conflitos existenciais, para o hábito de tentar superá-los. Passa do interesse por pessoas do mesmo sexo

para interesses heterossexuais. Não falta oportunidade para verificar sua falta de traquejo social; por outro lado, estabelece relações humanas significativas. Já não tem a antes confiança absoluta nos pais; agora busca segurança na própria personalidade. Concentra seus interesses em ocupações mais específicas, quando

antes seu interesse era dispersivo. Quando convidado a participar de atividades desportivas, rejeita; prefere ser espectador. Frequentemente, discute questões ligadas a princípios éticos gerais. Preocupa-se com a conduta baseada nos ditames da consciência e do dever.

Depreende-se, à primeira vista, a descrição de mais um jovem desajustado, para não dizer desvairado... Não sabe o que quer, mas sabe o que não quer. Questiona sempre: "quem sou eu?" "o que é a verdade?" "como ponho as minhas aspirações em prática?" "qual a melhor maneira de começar?" "para onde vou?" "quem pode me ajudar?" "o que foi que você fez?"

Puxa! S.L. não podia ser assim. Dentro de alguns meses vai prestar o serviço militar... Como pode?

Ele vai submeter-se a uma rotina super-rígida. Há hora pra tudo, e o pior, tudo é conduzido: o acordar, as instruções diurnas, as refeições, o dormir. Tem mais, vai aprender a utilizar armas de fogo de verdade, mata... E as responsabilidades que assumirá? Como se conduzir ao lidar com militares disciplinadores, exigentes, caxias?

Afirmativo. É verdade. Este é o perfil psicoafetivo do jovem que ingressa nas Forças Armadas todos os anos. É bom? É ruim? Nem uma coisa nem outra; trata-se de um adolescente.

CARACTERIZAÇÃO DO JOVEM MILITAR

O que caracteriza esta etapa na existência humana é a peculiar necessidade de o indivíduo começar a fazer parte do mundo adulto. Os conflitos que surgem advêm das dificuldades para ingressar nesse mundo; assim como, do adulto, em facilitar à nova geração que se manifeste; incomoda ter que revisar conquistas e noções de valores já arraigados.

Literalmente, o termo adolescência deriva do verbo latino *adolescere*, significando a fase de crescimento. Aberastury (1981, p. 89) afirma que o termo se aplica "especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 23 anos, podendo estender-se até os 27 anos". Adiante, o mesmo autor ressalta que, apesar de ser costume a inclusão de ambos os sexos no período compreendido entre os 13 e os 23 anos, prefere sustentar que "fatos indicam que nas adolescentes se estende dos 12 aos 21 anos, e nos rapazes dos 14 aos 24 anos em termos gerais".

Distingue-se adolescência de puberdade e juventude. A adolescência é globalizante, conjunto de todas as transformações biológicas, sociais e psicológicas ocorridas durante o período. Puberdade e juventude são aspectos particulares da adolescência. A puberdade é o aspecto biológico

das transformações ocorridas durante esse período. Por sua vez, a juventude é o aspecto social das modificações surgidas durante o período, manifestado sob forma de ajustamento ou desajustamento.

PROBLEMAS A SUPERAR

Diferenciam-se as sociedades primitivas das modernas pela inexistência, nesta, de fatos concretos demarcatórios entre a infância e a adolescência. Nas sociedades primitivas a diferenciação era estabelecida nos ritos de iniciação. Assim, utilizavam-se de cerimoniais para arrancar as raízes que podiam interligar à infância. Cada sociedade tinha seu ritual próprio: substituição de nome, iniciação em segredos místicos e religiosos, mutilações físicas e outros.

Nas sociedades modernas, segundo Sheehy (1985, pp. 37-38), só depois dos dezoito anos começa-se a arrancar as raízes:

(...) a universidade, o serviço militar e viagens breves são os meios habituais que nossa sociedade oferece para as primeiras viagens de ida e volta entre a família e uma base própria. Na tentativa de separar nossa visão de mundo de nossa família, a despeito de protestos vigorosos em contrário — “sei exatamente o que desejo” —, ficamos à espreita de qualquer convicção que podemos chamar de nossa. É o processo de pôr à prova

nossas convicções, somos frequentemente arrastados para modismos, preferivelmente mais misteriosos e inacessíveis que nossos pais.

Inferese do argumento de autoridade transcrito, que o serviço militar pode servir de verdadeiro rito de passagem para a maturidade do jovem.

Faz-se necessário colocar que o amadurecimento do ser humano está mais relacionado às vivências sócio-econômicas, culturais, enfim, educacionais, do que ao esquema rígido de faixas etárias. Quem não conhece crianças de dez anos com comportamentos já adultos? Pessoas há, com trinta anos, que ainda não se solucionaram, apresentam comportamento ambivalente: ora criança, ora adolescente, ora adulto. Nos grandes centros urbanos o adolescente classe média é diferente do adolescente de baixa renda, e ambos são diferentes do adolescente da zona rural ou dos pequenos centros urbanos do interior do país. Não importa a função homogeneizadora dos meios de comunicação de massa, que levam uma série de valores; prevalecem muitos valores sócio-culturais de cada comunidade.

Na caserna, como local em que interagem jovens das mais diversificadas origens, teoricamente não há tratamento diferenciado e o esforço individual em busca do mérito é que estabelece as distinções. Trata-se, para muitos, de momentos difíceis, pois ainda estão em tríplice luto: luto pela perda do corpo infantil; luto pela

perda do mundo infantil; e luto pela perda dos pais da infância.

Muitos ressentem-se com as modificações no corpo tão aceleradas. O uniforme não cai bem, o coturno é outro problema, as espinhas outro. Contudo, uma perda de difícil superação é a do mundo infantil, para muitos é claro; em função da origem sócio-econômica, o mundo era mais seguro, protegido, sabia o que esperar de cada pessoa e do ambiente. Não gostaria de voltar a ser criança, mas sofre por ver perdida a infância. Além da perda da identidade infantil, outra muito o aflige: perde, também, os pais de sua infância, vistos até então como figuras idealizadas, fortes, protetoras, capazes de suprir todas as suas necessidades. Agora sua visão é fundamentalmente mais crítica, admite que os pais estão longe da perfeição. Em conseqüência, surgem no relacionamento familiar inúmeros atritos. Torna-se difícil os adultos tolerarem críticas e comparações pessoais, a contestação de seus valores e ideologias. Não entendem que a atitude do jovem não é falta de amor, e a oportunidade de que dispõem para se discriminar, se individualizar e se preparar para a vida madura.

Além das perdas já expostas, o jovem militar, em sua grande totalidade, ainda lida com outras questões à espera de solução. Em aulas de Psicologia ministradas na Academia Militar das Agulhas Negras aos Cadetes — futuros condutores e responsáveis pela formação dos jovens que ingressam nas fileiras do Exército — Moura

(1972, pp. 42-44) ao procurar interpretar a problemática da adolescência, citando Luella Cole — in “Psychology and adolescence” — defende a idéia de que a adolescência, como fase, tem certas etapas a superar.

Para se atingir tais objetivos, deve-se progredir na aquisição da maturidade. Assim, tem-se os seguintes problemas básicos:

— *maturidade emocional:*

- passar das expressões destrutivas da afetividade para as neutras ou construtivas;
- passar da interpretação subjetiva das situações para as interpretações objetivas;
- passar das angústias infantis para a maneira adulta de se deixar motivar pelas emoções;
- passar do hábito de fugir das soluções de conflitos para o hábito de enfrentar e resolver os conflitos.

— *maturidade sexual:*

- passar do interesse por pessoas do mesmo sexo para os interesses heterossexuais;
- passar das experiências com uma multidão de possíveis parceiros, para a seleção de um único parceiro;
- passar da consciência aguda de desenvolvimento sexual, para aceitação das conseqüências resultantes da maturidade sexual;

— *maturidade social:*

- passar dos sentimentos de insegurança, à aceitação pelos outros;
- passar da falta de traquejo social,

para a capacidade de estabelecer e manter relações humanas significativas;

- passar da necessidade de imitação integral dos colegas, para a liberdade de imitação.

— *maturidade intelectual:*

- passar da aceitação de uma verdade baseada no argumento da autoridade, para a exigência da evidência racional antes da aceitação;

- passar do interesse exclusivo pelos fatos, para o interesse pelas interpretações e explicações;

- passar da multidão de interesses passageiros, para os poucos interesses estáveis.

— *emancipação do lar:*

- passar do controle absoluto exercido pelos pais, para o autocontrole;

- passar da confiança absoluta nos pais como fator de segurança para a confiança na própria personalidade como fator de segurança;

- passar da atitude de considerar os pais modelos exemplares, para modelos passíveis de questionamento.

— *seleção de uma ocupação profissional:*

- passar do interesse em ocupações brilhantes, para interesse em ocupações voltadas para a sua realidade;

- passar do interesse dispersivo em várias ocupações, para o interesse concentrado em poucas ocupações;

- passar do estigma exagerado ou desprezo total pela habilidade profissional, para a avaliação adequada da habilidade profissional.

— *emprego das horas de lazer:*

- passar do interesse pela prática de competição de jogos violentos e sem organização, para o interesse em competições previamente organizadas;

- passar do interesse pela valentia do herói, para o interesse no êxito do grupo;

- passar do interesse em participar ativamente em competições desportivas, para o interesse em apreciá-las.

— *aquisição de uma filosofia de vida:*

- passar da indiferença em face aos princípios gerais, para o interesse nesses princípios;

- passar da consideração dos princípios éticos particulares, para a consideração dos princípios éticos gerais;

- passar de uma conduta baseada na busca do prazer e na fuga do desagradável ou penoso, para a conduta baseada nos ditames da consciência do dever.

O PROCESSO EDUCACIONAL

É axiomático afirmar que o serviço militar contribui decisivamente na formação da personalidade do adolescente, logo, do ser humano como um todo. Cabe aos docentes dos corpos de tropa — comandantes, instrutores e monitores — um papel primordial ao contribuírem para a ampliação de perspectivas do autoconceito, autoconhecimento e autoformação dos jovens, que por dever de ofício ingressam nas fileiras da instituição militar em que servem.

É evidente que não se pode ensinar ao adolescente o verdadeiro sentido de sua existência como ser-no-mundo, todavia as atitudes podem ser ensinadas. As atitudes são repassadas aos educandos, não tão somente por aprendizagem nos domínios cognitivo, afetivo, psicomotor e conativo; mas sobretudo por modelagem, isto é, pelo bom ou mau exemplo.

Verifique-se que se preferiu a palavra educando ao invés de instruindo, uma vez que aquela permite um significado mais abrangente. Pois, ao se falar em educação, compromete-se muito mais os docentes quanto aos fins a atingir no processo educacional.

A caserna é um espaço que muito influi no processo de ajustamento do educando na família, no exercício da cidadania, em atividades ocupacionais e, principalmente, numa hierarquia de valores.

Nas organizações militares, não só se instrui ou adentra; também se educa. Não se pode deixar de considerar a educabilidade humana como um processo finalista. O profissional militar que não estiver cômico dos objetivos do seu trabalho junto aos jovens, em outras palavras, do que pretende com a ação educativa, jamais poderá ser chamado de educador. Pode ser um treinador, ou exagerando, um domesticador, se sua intenção não se direciona exclusivamente para fins práticos, com a preocupação com o princípio integrador da "internalização". No dizer de Ericson (1987, p. 90) "internalização

se refere a um processo de crescimento interior pelo qual há aceitação de atitudes, interesses e valores que se tornam parte do indivíduo, chegando ao ponto de caracterizá-lo". É preciso muita ponderação para não excluir o jovem de um dos objetivos mais gerais da educação: dar oportunidade para cada um revelar-se e realizar-se. Segundo Nérici (1987, p. 30), isto é "permitir cada um ser o que é, pela explicitação de suas virtualidades, para o melhor desenvolvimento da personalidade, o que é útil para o educando e a sociedade".

A educação é um processo resultante da influência humana, é sistematizado e ocorre em interação com a cultura local. Procura concorrer para realizar as potencialidades intelectuais, físicas, morais e espirituais do ser humano. Em poucas palavras, é um ato de amor. Nietzsche bem clarifica esta assertiva ao afirmar que "tudo aquilo que se faz por amor sempre se faz além dos limites do bem e do mal" (1986, p. 100).

O meio militar educa ao comportar no contexto curricular aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos. Permite-se o pleno ajustamento, tanto do corpo docente como discente, em termos de características de personalidade, aptidões, interesses e motivações.

Conclui-se chamando atenção para o alertar que enceta a publicação: "Comandante, chefe e líder, CI 2010/1", destinado aos comandantes de subunidades e de frações de tropa, oficiais e sargentos a quem são entre-

gues, diretamente, nossos jovens soldados: "Os jovens, nossos patrícios, que acorrem às fileiras em razão de um dever nacional, merecem comandantes competentes dotados de caráter e dedicados."

REFERÊNCIAS

1. ABERASTURY, Arminda, KONBEL, Maurício. *Adolescência normal*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
2. BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. *Comandante, chefe e líder*. Brasília: 5ª Ch/SC-1, 1981.
3. ERICKON, Erik H. *Identidade: juventude e*

crise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

4. MOURA, Paulo Cavalcanti C. *Psicologia evolutiva*. Resende: Acadêmica, 1972.
5. NÉRICI, Imídio G. *Didática geral dinâmica*. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.
6. NIETZSCH, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Hemel, 1986.
7. RAPPAPORT, Clara Regina, FIORI, Wagner Rocha, DAVIS, Claudia. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: EPV, 1982.
8. SHEEHY, Gail. *Passagens-crisis previsíveis da vida adulta*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
9. ROSADAS, Rubens Barbosa. *Introdução ao estudo de Psicologia*. Resende: Acadêmica, 1971.
10. ERICONE, Delcia, SANT'ANNA, Flavia Maria, ANDRÉ, Lenir Cancelli et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. 10ª ed. Porto Alegre: PUC/EMMA, 1975.



ANTONIO FERNANDO GOMES DA COSTA — É oficial do Exército da Arma de Infantaria. Na área educacional especializou-se em *Psicotécnica Militar, Orientação Educacional e Elaboração e Revisão de Currículos em cursos ministrados pelo CEP*. É Mestre em *Estudos de Problemas Brasileiros pela UERJ*, licenciado em *Estudos Sociais pela FIS/RJ*, sendo reconhecido pelo Ministério da Educação para lecionar *OSPB, Educação Moral e Cívica e História do Brasil*. Foi orientador *Psicopedagógico da AMAN* durante três anos. Atualmente serve

no *CPOR/RJ*. Leciona as disciplinas *Metodologia da Pesquisa Científica e Didática do Ensino Superior, na Universidade Estácio de Sá*, em cursos de pós-graduação; *Metodologia da Pesquisa Científica, em cursos de pós-graduação da Universidade Gama Filho*; e *Estudos de Problemas Brasileiros nas Faculdades Integradas Veiga de Almeida*.